



Serviço Público Federal
Ministério do Turismo
Secretaria Especial da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PARECER DO RELATOR

98ª REUNIÃO DO CONSELHO CONSULTIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL - 11 DE NOVEMBRO DE 2021.

Processo de Registro do Repente como Patrimônio Cultural do Brasil
Processo nº 01450.000705/2013-14

REPENTE – A ARTE do IMPROVISO

O presente relatório trata do processo de nº 01450.000705/2013-14 referente ao pedido de Registro do Repente. Honrado e grato por ter sido indicado como relator desse tema precioso para o universo nordestino, louvo informações sobre o bem cultural em questão e da minha vivência e convivência com repentistas. Por fim, estou agradecido com a resenha dos excelentes pesquisadores do IPHAN.

Este pedido de Registro foi apresentado pela Associação dos Cantadores Repentistas e Escritores Populares do Distrito Federal e Entorno (Acrespo) em abril de 2013. O pedido veio acompanhado do material descritivo sobre o bem cultural e das anuências de repentistas. Posteriormente, a avaliação preliminar do pedido de Registro foi aprovada pela Câmara Setorial do Patrimônio Imaterial em sua 22ª reunião já em 2013. O Repente foi alvo de diversas atividades de pesquisa e documentação e contou com reuniões de mobilização dos repentistas ao longo dos últimos anos; atividades realizadas com a colaboração do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Após a finalização da análise técnica, empreendida pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular por meio do Parecer Técnico n. 01/2021, de Elizabeth Costa, o Repente chega agora a esse egrégio conselho para apreciação com minha relatoria.

Repente é saber do povo, poesia, é melodia, é exercício de bom humor, é improviso criativo. Em linhas gerais, é um diálogo poético em que dois repentistas se alternam cantando estrofes criadas naquele instante ao passo em que são acompanhados com toques de violas. Ainda criança, na minha cidade natal, Nova Cruz, ia semanalmente a feira popular para ver e ouvir a exibição dos cantadores. Foram meus primeiros professores de poesia. Inesquecível! Anos depois, frequentei a intimidade de Câmara Cascudo, um estudioso e admirador do Repente, visto por ele como uma resposta inesperada e feliz, caracterizando-se pela surpresa do tema e prontidão da rima. O mestre costumava dizer que “a vida tem mais mudança que a viola de Preto Limão”. Ronaldo Cunha Lima, um primo poeta, ex-governador da Paraíba, repentista cantava com os amigos e fazia comícios em versos. O conhecido cantador paraibano Pinto do Monteiro estava sem viola e o governador o presenteou com o instrumento novinho em folha. Agradecido, o artista improvisou na hora: “Ronaldo da Cunha Lima, poeta de alma aberta, / amigo de alma larga, / é cunha que não aperta, / é lima que não amarga.”

Duelo verbal de cantadores com o acompanhamento de viola, rabeca ou pandeiro (embolada), o Repente, em todas as suas formas, participa de fato do rico Patrimônio Imaterial do Brasil. É

o diálogo do improviso e da liberdade vocabular. É poesia popular essencialmente oral, destacando-se nas cantorias, com os cantadores ou violeiros exibindo, além do talento para criar versos, domínio da viola e dotes vocais. Tem larga tradição no Nordeste brasileiro. A ele dedicaram-se pesquisadores importantes, como o já citado Câmara Cascudo, o jornalista cearense Leonardo Mota, Sílvio Romero, Pereira da Costa, Rodrigues de Carvalho, Gustavo Barroso, Veríssimo de Melo e mais recentemente Bráulio Tavares, dentre outros estudiosos, que trataram das histórias de vida, dos valores humanos, das fisionomias desses artistas.

É repente porque é feito de repente, na hora, de improviso. A cantoria decorada é vista como mal cantada e imprópria para o cantador repentista. A improvisação precisa acontecer no ato da enunciação e respeitar a métrica e a rima em que a cantoria se desenvolve.

Uma verdadeira arena de confrontação opõe as vozes dos cantadores, emergindo o conceito de coragem como valor fundamental. O cantador busca sempre exaltar, mais do que outro valor, o papel daquele ou daquilo que irrompe em defesa do que é bom de maneira destemida, assumindo e superando os riscos. Há ainda a exaltação do belo no discurso do Repente. O belo é sempre ligado, diretamente ou em metáfora, aos elementos da natureza expressos em sua grandeza, força e imortalidade. Na cantoria, está em jogo a habilidade do cantador repentista em expressar, quantitativamente e qualitativamente, os valores em disputa. Do ponto de vista da qualidade, vence quem rima com as palavras mais belas, mais precisas, com as melhores ideias e dentro da forma adequada. Mas há uma questão de quantidade em jogo. O repente é uma disputa de resistência em que o vencedor precisa se manter em pé, versando e respondendo dentro de certo tempo e animando a plateia assistente, que é parte ativa da cantoria e atua como juiz, sancionando e premiando. As tiradas de humor são decisivas para obter o louvor da vitória. O aplauso consagrador da plateia.

Uma apresentação de repentistas é dividida em sequências em que as estrofes são cantadas alternadamente pelos poetas, mantendo a mesma modalidade de estrofe, a mesma toada e o mesmo assunto. A cada baião, os repentistas respondem a provocações e desafios do parceiro e a demandas e reações da plateia, que propõe temas e modalidades a serem desenvolvidos pela dupla. No passado, os repentistas, em duplas ou sozinhos, percorriam longas distâncias e se ofereciam para cantar em fazendas, sítios e vilarejos, onde eram bem recebidos para uma noitada de cantoria que se prolongava até o amanhecer. Os ouvintes faziam pedidos de temas, romances e modalidades, colocando dinheiro em um chapéu ou uma bandeja que ficava à frente da dupla para o pagamento dos artistas.

No Nordeste brasileiro, o Repente é classificado como poesia, lado a lado e em relação com outras poéticas vocais, improvisadas ou não. Constituindo parte significativa do vasto Patrimônio Cultural Brasileiro, está fortemente presente nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Sua ocorrência se fixou também nas zonas metropolitanas do Rio de Janeiro, São Paulo e Distrito Federal, devido à grande migração de nordestinos das zonas rurais para as capitais em busca de emprego. Portanto, o Repente não tem valor meramente sociológico, antropológico, não está em algum lugar do passado, como muitos preferem ver, mas é vivo, está a nossa volta, visível, audível, comunicando ao homem, sensibilizando-o, pelo canal mais precioso, direto e real: a voz dos cantadores repentistas.

Muito se discute sobre a sua origem. Entretanto, é difícil precisar o início da prática da cantoria nordestina, devido não só à ausência de documentos históricos como ao fato de que, por ser de tradição oral, os registros ficaram mais no âmbito da memória. Os primeiros textos sobre o tema apareceram no final do século 19, a partir da observação de cantorias daquele período ou de fatos lembrados por narradores locais. Fala-se das relações entre a cantoria nordestina e a poesia dos trovadores da Europa medieval. Como sempre, Câmara Cascudo vai mais longe. Para ele, em considerações nas obras "Vaqueiros e Cantadores" (1939) e "Literatura Oral no Brasil" (1952), é o desafio oriundo do canto amebau, grego, do tempo de Homero. "Era uma fórmula que fixava o processo mítico dessas disputas poéticas ou musicais, Apolo contra Mársias, Pan contra Apolo. A técnica do canto amebau fora empregada por Homero, na "Ilíada" e na "Odisseia" Horácio alude a uma disputa entre os bufões Sarmentus e Messius Cicerrus", escreveu Cascudo.

Acostumados a se apresentar nas tradicionais cantorias em sítios ou em feiras livres, a partir dos anos 1940 os repentistas começaram a ocupar outros ambientes de espetáculo. Nos anos de 1960, o rádio também se tornou um veículo muito importante para os repentistas. Cantar numa emissora era uma forma de triunfo profissional, uma vez que a divulgação em massa ajudava a obter convites para apresentações. Com o rádio, veio também a oportunidade de os cantadores gravarem discos, que simulavam desafios. Foi um momento delicado, pois os poetas teriam de fazer algo que parecia ir contra a essência dessa arte, que é o improviso. Ao mesmo tempo, porém, a gravação tornava disponíveis recursos técnicos que agradavam ao público, pois nos estúdios era possível obter um som mais limpo. Na década de 1970 ocorreram festivais em várias cidades do Nordeste. A comissão julgadora observava o desempenho dos poetas nos quesitos rima, métrica e oração, dentro das propostas entregues aos artistas.

Muitos poetas cantadores tornaram-se célebres. Pinto do Monteiro, considerado o mestre da cantoria, um dia recebeu Lourival Batista, crescente em versos quentes. Glosaram os dias da semana com o humor produzido por trocadilho. Pinto: “No lugar que Pinto canta / não vejo quem o confunda. / Que o rio da poesia / o meu pensamento inunda. / Terça, quarta, quinta e sexta, / sábado, domingo e segunda”. Lourival respondeu: “Sábado, domingo e segunda, / quarta e quinta. / Na sexta não me faltando / a tela, pincel e tinta / pinto pintando o que eu pinto. / Eu pinto o que o Pinto pinta”.

Ninguém sabe dizer melhor das coisas da região do que o poeta potiguar Antônio Francisco. É sempre expressiva a sua linguagem para fazer pensar. Em brevíssimo exemplo, falando sobre a fome, ele diz: “Engoli três vezes nada...”. Fabião das Queimadas, escravo que tangia bem o verso e a rabeça, foi provocado para falar sobre a paga dos seus vinténs arrecadados. Que seria um poeta? Ele explicou: “Canta longe um passarinho / do outro lado do rio, / uns cantam porque têm fome, / outros cantam por ter frio. / Uns cantam de papo cheio, / outros de papo vazio”.

Não era cantador, mas poeta popular, popularíssimo. Aliás, Renato Caldas foi um lírico, improvisador, bem-humorado. Pediram-lhe que fizesse saudação ao escritor e pintor Newton Navarro. Versejou: “Adão foi feito de barro / mas você Newton Navarro foi feito de inspiração. / Dos passarinhos, das cores / da noite feita de amores / do luar do meu sertão”. Certa vez, o poeta tomou café em uma residência na cidade de Angicos e ao guardar suas coisas, distraidamente, incluiu uma colherinha. Já na sua cidade, em Assu, verificou o equívoco e voltou. Desculpou-se dizendo: “Eis aqui, dona Chiquinha, / devolvo sua colher. / De coisa que não é minha / eu só aceito mulher”.

Em 1960, um dos maiores nomes da literatura brasileira, o pernambucano Manuel Bandeira, publicou em “Estrela da Tarde” o poema “Cantadores do Nordeste”:

Anteontem, minha gente,
 Fui juiz numa função
 De violeiros do Nordeste
 Cantando em competição,
 Vi cantar Dimas Batista,
 Otacílio, seu irmão,
 Ouvi um tal de Ferreira,
 Ouvi um tal de João.
 Um a quem faltava um braço
 Tocava cuma só mão;
 Mas como ele mesmo disse,
 Cantando com perfeição,
 Para cantar afinado,
 Para cantar com paixão,
 A força não está no braço,
 Ela está no coração.
 Ou puxando uma sextilha,
 Ou uma oitava em quadrão,
 Quer a rima fosse em inha
 Quer a rima fosse em ão,

Caíam rimas do céu,
Saltavam rimas do chão!
Tudo muito bem medido
No galope do Sertão.
A Eneida estava boba,
O Cavalcanti bobão,
O Lúcio, o Renato Almeida,
Enfim toda comissão.
Saí dali convencido
Que não sou poeta não;
Que poeta é quem inventa
Em boa improvisação
Como faz Dimas Batista
E Otacílio seu irmão;
Como faz qualquer violeiro,
Bom cantador do Sertão,
A todos os quais humilde
Mando minha saudação.

Recentemente participei do FOLIOS – Festival Internacional de Literatura de Óbidos, em Portugal. Convidado a falar sobre poesia, afirmei que o poeta busca a expressão original, o seu fiat lux, o poema. Recitei alguns repentistas e improvisadores nordestinos. Foram aplaudidos Pinto de Monteiro e Antônio Sobrinho e os poetas Renato Caldas e Luis Rabelo. Deste último, lembrei-me que com o tema comunicação universal e ele fez uma glosa magnífica: “Um mártir da Galiléia / Uma verdade traduz / Não morre nunca uma ideia / Mesmo pregado na cruz.”. Certa vez, convidei dois cantadores para uma apresentação na Academia. Sugeri o tema: A chegada do cantador no céu. O potiguar-paraibano Antônio Sobrinho, grandalhão, avermelhado, de feições marcadas, discorreu sobre as suas vantagens na visita celestial, havia recebido o aplauso dos santos. O poeta pernambucano contestou. Disse que, no “céu”, o companheiro foi recebido por um anjo de rabo e chifre, que soltava fogo pelas ventas. Teria sido mergulhado em enxofre fervente. Por sorte, consegui decorar a resposta: “Viajei num transporte igual ao vento / E fui conhecer o céu empíreo / Nas mãos eu levei a flor do lírio / E nos braços levei meu instrumento / Ao chegar no céu nesse momento / Me senti o poeta mais feliz / Jesus me escutando pedindo bis / E eu repeti a mesma cena / Namorei com Maria Madalena / Não casei lá no céu / Porque não quis”. A plateia, emocionada, aplaudiu.

No brilhante “Dossiê do Registro do Repente”, o professor João Miguel Manzolillo Sautchuk lembra do reconhecimento do Repente por nossos escritores. Eis um significativo trecho: “Na prosa regionalista ambientada no Nordeste do Brasil, as poéticas populares figuram como evocações das formas estéticas próprias dos ambientes sociais retratados nos romances e de valores morais e visões de mundo a elas relacionadas. Em Dona Guidinha do Poço, de Manuel de Oliveira Paiva, a narração de uma cantoria na fazenda de propriedade da protagonista mostra grande semelhança com as cantorias atuais. Inclusive, utilizava já o termo baião para se referir às sessões de versos. Euclides da Cunha relata em Os Sertões um desafio poético em quadras, com violas, que presenciou durante uma festa sertaneja. Em A Bagaceira (marco da ficção regionalista, publicado em 1928), José Américo de Almeida fala da “musa bárbara” dos sertanejos nordestinos e de um violeiro que cantava de memória trovas (transcritas no romance) atribuídas a Fabião das Queimadas (1848-1928), cantador, rabequeiro e agricultor potiguar. Almeida, narra também uma festa (um “samba”, um “forró”), em que são cantados versos de coco. Entre as várias menções à poesia popular nos romances de Afrânio Peixoto, há em Maria Bonita (publicado em 1936), uma cantoria em desafio dos repentistas Fabião das Queimadas e Manuel Tavares, aglomerando uma plateia ao redor da casa em que se apresentavam. Ao se deparar com a cena, uma das personagens diz: “Terra farta de poetas, dos quais têm mais poesia não os que escrevem e publicam versos”. Em O Quinze, Rachel de Queiroz insere um violeiro cego a cantar sextilhas no campo de concentração de refugiados da seca no semiárido cearense. José Lins do Rego polvilha seus romances Pedra Bonita e Cangaceiros com referências a cantadores que improvisam estrofes e cantam poemas ao som das violas, bem como de aboios entoados por vaqueiros e por entidades místicas. A poesia e o canto sertanejo expressam aí as tristezas dos sertanejos, ao mesmo tempo em que representam as expectativas de escapar de uma vida

árida e hostil. São citados os históricos repentistas Romano da Mãe D'Ádua e Inácio da Catingueira. Graciliano Ramos dedicou alguns dos textos reunidos em *Viventes das Alagoas* à memória dos mesmos Inácio e Romano e à peleja por eles travada em Patos/PB no final dos 1800. No Romance d'A Pedra do Reino, Ariano Suassuna concebe o narrador-protagonista Quaderna como um repentista que, ao tecer seu "memorial" em tom de epopeia, relembra estrofes de cantadores – como Jerônimo do Junqueiro, que fora citado por Gustavo Barroso (1930) e Câmara Cascudo (1939) – e relata encontros fictícios com figuras históricas da poesia popular nordestina – como o cordelista e repentista João Melchiades Ferreira (1869-1933)."

O cordel é o jornal do sertão. Cada evento importante faz surgir um folheto. Por exemplo, os cordelistas saudaram em Natal a visita do papa João Paulo II, como haviam interpretado a tragédia de Tancredo Neves ou a chegada do homem à lua. Agora já estão glosando a futura vida em Marte. Eu mesmo, sem merecer, já fui objeto de dois cordéis por conta de uma árvore gigantesca, um baobá, que cuido a 30 anos. Apesar da diferença básica entre a expressão oral improvisada e o texto poético impresso, é comum relacionar a cantoria de viola à literatura de cordel. Ambas constituem ramos de uma mesma raiz cultural, de origem sertaneja, rural, nordestina. Elas coincidem nas métricas básicas, como a sextilha, mas a cantoria costuma usar mais variações. Há cantorias impressas que teriam sido entoados por cantadores em momentos de grande inspiração, como se vê em "A Peleja de Bernardo Nogueira com Preto Limão". Destaco alguns versos:

Você pra cantar comigo
Tem de cumprir um degredo
Pisar no chão devagar
Bem na pontinha do dedo
Dar definição de tudo
Dormir tarde, acordar cedo...

Nogueira se eu te pegar
Até o diabo tem dó!
Desço de goela abaixo
Em cada tripa dou nó
Subo de baixo pra cima
E vou morrer no gogó

Além das apresentações em feiras e festivais, no mês de junho ocorrem cantorias semanais em Caruaru (Pernambuco), Campina Grande (Paraíba) e várias outras cidades do Nordeste. Esses eventos costumam ser organizados em palcos pequenos, sem caráter competitivo e com uma liberdade maior para os poetas realizarem seus trabalhos. No final da década de 1970, alguns repentistas foram a Brasília pedir a aprovação de um projeto que reconhecia a profissão de cantador, mas não houve resultado favorável. Pela lei sancionada em 2010, o profissional repentista foi reconhecido nas seguintes funções: cantadores e violeiros improvisadores; emboladores e cantadores de coco; poetas repentistas e contadores e declamadores de causos da cultura popular e, por fim, escritores da literatura de cordel.

O Repente marca a formação cultural do Nordeste brasileiro e, por consequência, da própria nação brasileira. Compreender o valor e a orientação social discursiva em jogo na formação cultural dessa região é, em grande medida, entender a poética do Repente e sua força na interação social.

O pedido do registro do Repente como componente do Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira é justo e fundamental. Como bem disse Donzílio Luiz de Oliveira, Francisco de Assis Silva e João Santana Mauger, da Associação dos Cantadores Repentistas e Escritores Populares do DF e Entorno, "por ser este um gênero artístico genuinamente brasileiro que une raízes lusas na estruturação poética e elementos de raízes africanas no ritmo da viola e nas melodias e revela profunda brasilidade na diversidade e amplitude da temática, linguagens, ideais e criatividade de seus fazedores".

A título de conclusão, pela análise das informações e documentação apresentadas pelos proponentes, concluímos que o bem cultural em questão se enquadra às diretrizes e princípios da política institucional, assim como atende aos critérios de pertinência e de admissibilidade para o Registro de bens culturais de natureza imaterial. Apresenta relevância nacional para a memória, identidade e para a formação da sociedade brasileira, sendo referência importante para a sociedade brasileira. A documentação apresentada, por sua vez, é suficiente para entendimento do objeto, sua contextualização, e para delimitação temporal e territorial do mesmo. Portanto, nos manifestámos favoravelmente ao pedido de Registro do Repente como Patrimônio Cultural do Brasil, indicando sua inscrição no Livro de Registro das Formas de Expressão. Que viva o Repente! Que vivam os cantadores! Pela aprovação.

Obrigado pela atenção.

Cordialmente,

Brasília, 11 de novembro de 2021.

DIOGENES DA CUNHA LIMA
CONSELHEIRO



Documento assinado eletronicamente por **DIÓGENES DA CUNHA LIMA, Usuário Externo**, em 28/12/2021, às 18:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://sei.iphan.gov.br/autenticidade>, informando o código verificador **3214203** e o código CRC **B185A6AE**.